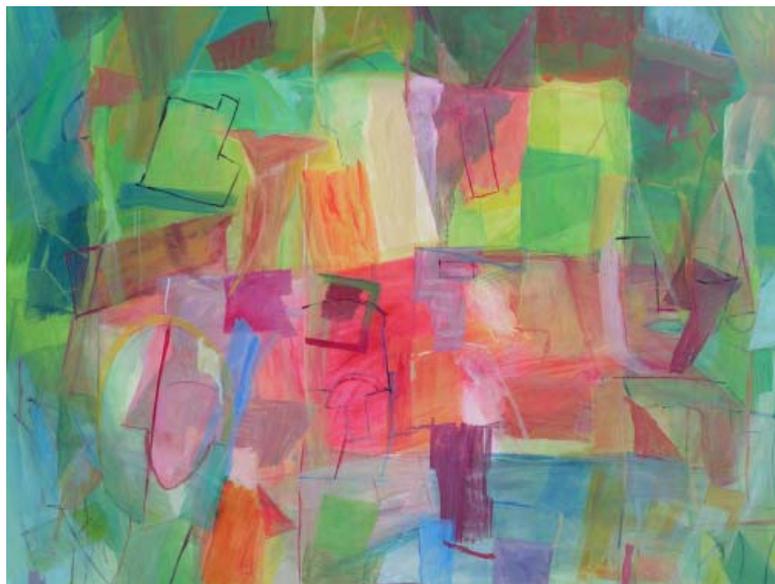




FEIRA DE ARTES PLÁSTICAS - ARTE SOLIDÁRIA

Quadro de Manuel Oliveira a favor da Cáritas Diocesana



A Associação Cultural Arte à Vista promove a realização de uma Feira de Artes Plásticas - "Arte Solidária", com organização do Dolce Vita Shopping Center e Grupo Diário de Coimbra, a realizar de 4 a 15 de Dezembro, no Centro Comercial Dolce Vita, piso 0.

A Feira terá expostas 150 obras de arte, sendo que o produto da venda/leilão de 12 quadros, a realizar no dia 15, com base mínima de 1000 euros, reverterá integralmente para cada uma das

doze instituições de solidariedade que aceitaram o convite da Associação Cultural Arte à Vista. O quadro supra, de Manuel Oliveira, será licitado a favor da Cáritas Diocesana de Coimbra.

No dia 12 será a apresentação desta obra e do autor, motivo pelo qual a Cáritas convida desde já todas as pessoas interessadas em arte e particularmente as pessoas eventualmente interessadas na aquisição solidária deste quadro a visitarem a Feira no dia 12 de Dezembro.

Pausa

Vozes cristalinas

Segundo reza quem sabe, as pessoas que fizeram na vida a experiência de guerra aberta com a morte e regressaram vitoriosas, regressam sem medo: por um lado, lutaram com o último e mais poderoso dos inimigos e venceram-no; por outro lado perceberam que nunca podem perder a vida, pela simples razão que não são donos dela, mas apenas seus ínfimos beneficiários. Isto dá-lhes uma liberdade terrível. E uma responsabilidade mais terrível ainda. É por isso que quando falam fazem tremer de medo quem tem objectivas razões para o ter.

Catalina Pestana já saiu vitoriosa duma dessas lutas com a morte. Assume quase com orgulho as sequelas que guarda das batalhas (por exemplo, voz lenta e arrastada). Sem medo, livre e responsável, a somar ao conhecimento directo que tem dos problemas, uma palavra de Catalina Pestana sobre os meandros da pedofilia em Portugal, vale mais que todos os milhares de folhas que devem estar acumulados no processo da Casa Pia. Por muito que doa a muitos, são cristalinas as vozes dos que regressaram vitoriosos da luta com a morte e a sua linguagem é a mesma dos profetas.

NEVES



A Cáritas Diocesana de Coimbra deseja às comunidades paroquiais, aos grupos sociocaritativos, aos utentes dos seus equipamentos e a todos os funcionários um Santo Natal e um Bom Ano de 2008.

Assembleia Diocesana com o Sr D. Albino Cleto

A Assembleia Diocesana dos Grupos de Acção Sociocaritativa e outros grupos de acção social da Diocese este ano vai ser orientada pelo Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto.

A Assembleia será no salão do Centro Rainha Santa Isabel, na Cáritas, no dia 13 de Janeiro, começa às 15.00h e termina por volta das 17.30h.

Estamos em crer que a presença do nosso Bispo, e a sua palavra de orientação pastoral no campo da acção sociocaritativa, é motivo redobrado de presença dos Grupos.



foto da Assembleia de 2007

Reuniões de Arciprestado

Ninguém é bom juiz em causa própria e não serei eu portanto o melhor ajuizador do real valor que tiveram as reuniões de arciprestado que a Cáritas tem vindo a promover na diocese, já que a condução das mesmas foi feita basicamente por mim, com predominância sobre a reflexão do tema "Eucaristia e Caridade".

De qualquer modo a minha ideia global é que foram boas reuniões! Tiveram a virtude de tentar uma reflexão densa a partir de alguns textos papais mais significativos e actuais, tiveram a virtude de levar estes textos de um modo simples até às comunidades, tiveram a virtude de ajudar a reflectir a identidade cristã mais profunda a partir da Eucaristia. Além disso, onde apareceram vários grupos e párcos, houve uma rica partilha de experiências, ansiedades, angústias, propostas, projectos..., não, claro, por mérito meu, mas por mérito das pessoas presentes.

Noutros lados não foi tão bom assim. Pesou sobretudo, em dois ou três arciprestados, o reduzido número de grupos presentes, não só em termos objectivos, mas mesmo em termos de comparação com as presenças do ano passado. À luz da riqueza dos encontros com mais participantes e párcos, é obrigatório reconhecer que nas comunidades onde esta participação foi reduzida, houve um empobrecimento objectivo das comunidades. Numa Igreja de recursos tão escassos, menosprezar por alheamento, isolamento ou preconceito estes esforços de criar comunhão, de sensibilizar comunidades, de aprofundar a fé com a palavra do Sumo Pontífice, de soprar a chama ténue da caridade com o alento da partilha eclesial, é inquestionável empobrecimento.

Fica uma palavra de reconhecimento para o interesse dos párcos, por quem passaram exclusivamente todos os convites. (Neves).

Curso de DSI na Católica

A Universidade Católica, em colaboração com a Cáritas Portuguesa, vai promover um Curso de Doutrina Social da Igreja, no sistema e-learning (via internet). Os interessados devem consultar quanto antes o site da própria Universidade Católica, dado que a informação é relativamente longa e os prazos são já apertados.

Encontro de Idosos em Oliveira do Hospital



No dia 19 de Outubro, as diversas IPSS que trabalham com idosos no conselho de Oliveira do Hospital promoveram uma festa para os

mesmos, com muita animação. A Cáritas, que tem neste concelho os Centros de Dia (e de Apoio Domi- ciliário) de S. Paio de Gramaços,

Nogueira do Cravo e S. Sebastião da Feira) esteve naturalmente presente, e regista aqui o seu agrado pelo bom êxito da iniciativa.



Neste Natal, a Cáritas Portuguesa promove mais uma vez a campanha "10 milhões de estrelas - um gesto pela paz", tendo o duplo objectivo de sensibilizar a sociedade para os valores da solidariedade e da paz e a partilha económica com uma causa internacional. Este ano a Cáritas Portuguesa propõe-se ajudar uma obra concreta com mulheres, promovida pela Cáritas de Angola.

Como pontos altos da Campanha, sublinham-se as manifestações públicas promovidas pelas dioceses no dia 15 de Dezembro e a proposta de que seja acendida nas casas particulares a vela da Campanha na noite de 24 de Dezembro.

EM ANO DE AVALIAÇÃO

A Caritas Diocesana de Coimbra

A Cáritas Diocesana de Coimbra dirige a sua acção essencialmente em duas vertentes: para a promoção global das comunidades e para a resposta às pessoas concretas. É nossa convicção que o homem nunca é um ser isolado, mas um ser que vive estruturalmente numa comunidade, e que reage mais positiva ou mais negativamente conforme os estímulos económicos, sociais e culturais que recebe da(s) sua(s) comunidades. Por isso é absolutamente essencial promover nas comunidades uma cultura de solidariedade, de atenção ao outro, de serviço ao bem comum, de gratuidade. E é tanto mais necessário promover estes valores quanto as forças da cultura dominante veiculam o "salve-se quem puder" e as atitudes que mais fazem notícia são a corrupção, a violência e o desprezo pela vida do outro.

Por outro lado, a Cáritas sabe que é o homem - sempre o homem concreto, cada pessoa humana - o verdadeiro centro e fim do seu agir. Parafrazeando o Concílio, onde quer que esse homem se encontre empobrecido, abandonado, marginalizado, doente, oprimido, ultrajado na sua dignidade, aí o deve ir procurar, encontrar e confortar a caridade cristã, com o carinho e as obras concretas de amor.

As muitas acções que a Cáritas de Coimbra faz na Diocese testemunham isto mesmo. Elas estendem-se das crianças aos idosos, dos jovens aos doentes, da reabilitação física aos doentes de SIDA, da formação profissional às minorias étnicas... Mas, ao mesmo tempo, a Cáritas preocupa-se com a formação das pessoas nas áreas da saúde, da higiene alimentar, do alcoolismo, do trabalho comunitário com idosos ou doentes, da prevenção da droga, do uso humanizador da sexualidade, da disponibilidade para o voluntariado, em meio institucional ou na própria comunidade.

De resto, quer a nível comunitário, quer a nível das pessoas em concreto, a acção da Cáritas pretende ser sempre numa dupla perspectiva: tentar curar os sofrimentos já existentes e prevenir o aparecimento de outros... Pode dizer-se, com inteira verdade, que a Cáritas de Coimbra está a trabalhar mais intensamente nos locais onde é mais difícil (por exemplo, nas comunidades mais desertificadas ou nos bairros mais problemáticos da cidade de Coimbra), e nos problemas mais difíceis: toxicod dependência, prostituição, minorias étnicas, como os ciganos, Sida...

A Cáritas sabe, é claro!, que não se pode nunca substituir às comunidades cristãs "de base", nomeadamente as paróquias. Muito do trabalho da Cáritas situa-se, aliás, nessa sensibilização das paróquias para uma assunção pastoral forte da sua própria acção sociocaritativa. Mas, tal como na catequese ou na liturgia, parece que também a acção sociocaritativa deve ser feita em comunhão com toda a Igreja diocesana e com a igreja universal! Diríamos até que a comunhão é o primeiro e mais profundo teste da verdadeira caridade... A promoção desta comunhão constitui, pois, uma outra vertente do trabalho da Cáritas de Coimbra.

Por mais esforçada que seja a nossa acção, os problemas são de tal maneira profundos e as mentalidades são de tal maneira resistentes à mudança, que muito parece ficar sempre por fazer. Quando avaliamos no imediato, ou quando olhamos a nossa impotência perante algum problema concreto, muitas vezes fica a sensação de que estamos a enfrentar um trabalho impossível. Mas, ao avaliarmos o nosso trabalho ao longo das últimas décadas, aparece-nos claro que estamos a ser verdadeiros agentes de transformação das nossas comunidades.

Urgência no Apoio ao Bangladesh



foto: Los Angeles Times

O ciclone Sidr varreu a região sul do Bangladesh - um dos mais pobres países do mundo - e deixou, atrás de si, um rasto profundo de morte e destruição. As autoridades do país contabilizam já três mil mortos - as estimativas são de dez mil. Para já, estão deslocados de suas casas mais de dois milhões de pessoas.

O Papa Bento XVI pediu as nossas orações. Nenhum cristão, certamente, as negará. O povo mártir do Bangladesh agradece, no seu íntimo, todas as manifestações de apoio neste momento tão difícil.

Porque é nos tempos de tragédia que se avalia a generosidade dos povos, a Caritas Portuguesa decidiu lançar uma campanha de apoio ao Povo do Bangladesh, sob a designação de "CARITAS AJUDA VÍTIMAS DO BANGLADESH", podendo os donativos serem feitos em qualquer balcão do Montepio Geral, na conta com o NIB 0036 0000 991 058 624 52 34.

Não é possível fingir que não sabemos, que não vimos as imagens, que não escutámos os gritos de sofrimento das mães que perderam os filhos, das crianças que perderam os pais, das famílias que ficaram sem o seu sustento.

Vamos responder a este apelo da Cáritas.



foto: Los Angeles Times

Em 20 de Novembro, o cenário era este:

Pessoas mortas	2699
Estimativa de mortos	10 000
Famílias afectadas	1 120 000
Animais mortos	246 000
Casas destruídas	265 650
Colheitas destruídas:	
totalmente	23 125 Acres
parcialmente	40 225 Acres
Prejuízo das colheitas destruídas	3.200.000.000 dólares



foto: www.nzz.ch

Os pastores de Belém

Há dois tipos de países que são afectados por calamidades naturais: os que ficam em rotas turísticas do mundo rico e os que ficam fora dessas rotas. As desgraças dos que ficam nas rotas turísticas têm uma ampla publicidade nos meios de comunicação social e gera uma gigantesca onda de solidariedade espontânea. As desgraças dos que ficam fora das rotas turísticas dos países ricos, sofrem a indiferença dos meios de comunicação social, e são ignorados num gigantesco mar de indiferença. O ciclone no sul do Bangladesh, como se regista pelos números dados nesta página, foi massivamente destrutivo. Mas até na internet a informação é quase nula. O Bangladesh é dos países mais pobres do mundo, e fica tudo esclarecido.

Em tempo de preparação do Natal, é impossível fugir a uma referência bíblica: os pastores dos campos de Belém. Pobres, sujeitos às intempéries mais do que quaisquer outros, ignorados da sociedade rica de Jerusalém, que ao mesmo tempo que se aproveita dos seus bens (cordeiros) para ofertas sagradas... são vistos por Lucas como os primeiros destinatários da Boa Nova da Salvação: "nasceu-vos hoje um Salvador".

Em tempo de preparação do Natal, percebemos que o nascimento de Jesus divide a humanidade em duas grandes fatias, a fatia dos indiferentes de Jerusalém e a fatia dos pastores. O discurso que faz do cristianismo uma caldeirada onde cabe tudo, é pura mentira. Os anjos optaram pela fatia dos pastores. Importa que aqueles que se dizem seguidores deste Jesus façam também a sua opção.

Chega o Natal. À luz dos pastores de Belém, torna-se impossível evitar a pergunta de um dos nossos padres (pergunta que eu fui replicando em sucessivos encontros): "afinal, em que é que o meu cabaz de compras se distingue do cabaz de compras de quem não se identifica com Jesus?". E em que é que a minha solidariedade se distingue da solidariedade de quem não se identifica com Jesus?

A Cáritas Portuguesa lançou uma campanha a favor das vítimas do Bangladesh. Faz bem. Provavelmente, no meio de tanta *campanha de solidariedade de natal*, com tanto neón vermelho e tanta publicidade na TV, a campanha da Cáritas Portuguesa vai diluir-se e a recolha de dinheiro será reduzida. Mas a Cáritas deve estar do lado dos pastores de Belém. E os cristãos, penso eu, também poderiam (deveriam) estar.

Conselho Geral da Cáritas Portuguesa

É fundamental usar as novas tecnologias

A Cáritas Portuguesa reuniu o seu Conselho Geral em Castelo de Vide (diocese de Portalegre e Castelo Branco) de 16 a 18 de Novembro.

Como Conclusões do Conselho, salientam-se as seguintes:

- O trabalho deve ser organizado e tecnicamente eficaz, devendo-se, para isso, aproveitar as novas tecnologias, que cada vez mais estão ao dispor de todos, bem como a aplicação de novas metodologias de trabalho.

- Deve haver uma maior consciencialização para as alterações que se verificam, constantemente, na nossa sociedade. D. José Alves (Bispo da Diocese acolhedora e Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social) afirmou que este processo significa não uma mudança mas, mais do que uma mudança, uma mutação, com carácter mais radical e mais profundo que deverá ser reflectida e compreendida por todos, para mais facilmente nos adaptarmos a ela.

O Conselho foi enriquecido com uma palestra por D. Carlos Azevedo, subordinada ao Tema "Globalizar a



caridade. Construir a Paz". Esta palestra, aberta à participação da comunidade deixou as seguintes referências:

- A era da globalização é o fim de um ciclo. Melhor do que a globalização importa o sentido da Universalidade, não como mero conceito mas como uma atitude organizacional.

- Na senda de uma indicação para uma ética global importa assumir uma ética de responsabilidade solidária, uma ética universalista que atenda às exigências da justiça, uma ética universalista da instituição a favor dos desfavorecidos (refundar

as instituições), assumindo-se assim uma globalização eticamente fundada.

- Construir a paz é criar condições efectivas de justiça social e de libertação dos oprimidos. O processo de construção da paz é um processo constante, sustentado numa vontade firme e em bases escoradas em processos educativos.

O Conselho tratou ainda de diversos assuntos práticos, entre os quais merece uma referência o lema para o Dia Cáritas do próximo ano, que será "Acolhe a Diversidade. Abre portas à Igualdade".

A SOBERANIA ALIMENTAR

"Uma coisa é falar e outra... dar trigo"

A Declaração dos Direitos Humanos de 1948, no seu artigo 25, afirma: "Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade."

De então para cá, a alimentação como um direito humano tem um alcance ético, mas também legal e político. Assim aparece reiteradamente no Artigo 11 do Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais de 1966 e na Declaração Universal para a eliminação definitiva da fome e da subnutrição, aprovada em 1974 em Roma.

Mais tarde, na Cimeira da FAO, celebrada em Roma em 2000, sublinhou-se a necessidade de alimentos nutricionalmente adequados e inócuos e a necessidade de prestar atenção às questões nutricionais como parte integrante dos esforços para promover a Segurança Alimentar. Isto significa que cada criança, cada mulher e cada homem devem ter a certeza de contar com o alimento suficiente para cada dia. Mas o conceito não diz nada quanto à proveniência dos alimentos, à qualidade dos mesmos, à fraude internacional (dumping) nas relações comerciais, aos subsídios agrários nos países industrializados.

A realidade internacional da fome

"A fome é uma ferida mortal para quem a sofre, mas é uma vergonha internacional para a sociedade ocidental que a permite e a implica com as suas estruturas de comércio injusto".

Um simples olhar para a geografia do Sul ou para qualquer documento internacional da FAO introduz-nos na realidade brutal da pobreza, dizendo-nos que agora mesmo sofrem de fome mais de 850 milhões de pessoas em todo o mundo, dois mil milhões de pessoas com graves problemas de desnutrição e 40 milhões morrem de fome todos os anos. O paradoxo de tudo isto é que cerca de 75% destas pessoas são agricultores pobres que produzem alimentos para a exportação de

"outros" e para alimentar o gado do mundo do Norte.

A maioria dos pobres extremos do mundo, afins 93%, vivem principalmente em três regiões: Extremo Oriente, sul da Ásia e África subsahariana. E o mais duro desta situação é que já nos acostumámos a ver as imagens das mulheres sudanesas tão esqueléticas que apenas conseguem

cinquenta países mais pobres do mundo passaram de exportadores líquidos de alimentos a importadores. É um modelo onde os produtos subsidiados da agricultura do Norte substituem a produção local de alimentos básicos e arruinam o sustento dos camponeses nos países em desenvolvimento.

850 milhões de pessoas sofrendo fome no mundo são uma razão poderosa para não continuarmos calados, e para pedirmos aos governos que mudem as suas políticas económicas e agrárias. Também o são para mudarmos os nossos modelos de consumo, para nos informarmos melhor da proveniência e condições de produção dos alimentos da nossa mesa e das empresas que os importam.

Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1048) até à Cimeira Mundial da Alimentação (FAO, 2000) o Direito à Alimentação veio-se afirmando como um direito essencial, com conteúdo legal e político e, sobretudo, ético. Hoje produzem-se alimentos suficientes para alimentar o dobro da população existente e com uma distribuição adequada ninguém passaria fome. Portanto, o problema não é tanto a falta de alimentos, quanto a falta de vontade política.

Ao contrário, os acordos comerciais do Norte com o Sul não estão a criar condições de dignidade para produzir nem para vender em igualdade de condições. Muito pelo contrário, aumentam as condições de dependência, em benefício dos mercados e das mesas dos que podem decidir.

transportar os filhos, de etíopes tão desnutridos que nem sequer podem caminhar e de meninos com a barriga inchada que choram pedindo comida, além de que, cerca de onze milhões deles não viverão para celebrar o seu quinto aniversário.

Isto acontece num modelo de agricultura e comércio em que os países industrializados dominam a produção e os preços dos alimentos básicos, como o milho, o arroz, o trigo, o leite e a carne, enquanto os países em desenvolvimento mais pobres produzem produtos comerciais tropicais, como café, algodão ou flores, para vender e comprar alimentos. Nos últimos trinta anos, os

Podemos afirmar que tanto a insegurança alimentar, como a pobreza, são com frequência o resultado da falta de acesso a recursos produtivos, e de uma estrutura de comércio injusta... mais do que por falta de alimentos disponíveis. Vivemos numa sociedade em que um dos seus principais traços é ser excedentária; sobra-nos de tudo e principalmente toneladas de alimentos (ao mesmo tempo que milhões de pessoas na Europa e Estados Unidos estão sobrealimentados e sofrem de obesidade, com patologias concomitantes). Segundo declarações de Diouf (Director Geral da FAO), "o problema não é tanto a falta de alimentos, mas mais a falta de vontade política".

Algumas das cusas do comércio desigual e injusto

"No modelo de agricultura que a Europa e os Estados Unidos mantêm, a dieta alimentar dos animais compete com a dos humanos".

Os países ocidentais definem as regras do comércio internacional. Introduzem mecanismos muito eficazes para dissuadir outro qualquer país, através de altas taxas aduaneiras e/ou sistemas de protecção comercial que assegurem a inviolabilidade das fronteiras do Norte aos produtos transformados. Na União Europeia e Japão, 30% das taxas aduaneiras mais elevadas é sobre produtos alimen-

tares transformados. Nos Estados Unidos, o sumo de laranja importado tem taxas de 30% e a manteiga de cacau taxas à volta de 132%.

O subsídio aos agricultores dos países ricos conduz a uma competição desigual. A título de exemplo, em 2002 a ajuda directa aos agricultores nos países desenvolvidos ascendeu a 235.000 milhões de dólares. A maior parte foi utilizada para subsidiar a exportação de excedentes. Representa o equivalente a quase trinta vezes o total de ajuda dada para o desenvolvimento agrícola nos países do Sul.

As empresas multinacionais, as grandes cadeias de distribuição dos supermercados, quer dizer, as grandes superfícies de distribuição comercial estão a crescer vertiginosamente, não só em tamanho, mas também na influência económica, social e política (...), pressionando os camponeses com preços baixos e deteriorando as condições de trabalho, ao mesmo tempo que exercem o controle de toda a cadeia alimentar desde a terra até ao estômago dos consumidores, passando pela propaganda.

Hoje produzimos mais do que suficiente para alimentar toda a população mundial, e com uma distribuição adequada ninguém passaria fome; e no futuro, apenas com uma redução da quantidade de carne consumida pela população do Norte, disponibilizaríamos recursos suficientes para alimentar de sobra a população máxima prevista para este século XXI (entre 9.000 e 10.000 milhões de pessoas).

Só a título de exemplo, cerca de 40% da colheita mundial de cereais é para criar gado. Isto equivale a transformar os animais de estábulo num competidor directo dos seres humanos por um alimento vegetal básico. Ou seja, através da PAC [Política Agrícola da Comunidade], as vacas, as aves, as ovelhas... recebem mais subsídios, atenções veterinárias, água, farinhas de peixe, soja e cuidados intensivos para a produção da dieta em carne do que as populações do mundo empobrecido.

A soberania alimentar: um modelo para erradicar a fome

"O alimento é um direito humano básico, não uma estratégia de mercado".

A única solução duradoura para eliminar a fome e reduzir a pobreza é através do desenvolvimento local. Uma forma de conseguir esse desenvolvimento nas zonas rurais é criar circuitos locais de produção e consumo, aonde as famílias de agricultores vendam os seus produtos e possam comprar o indispensável. O esforço por erradicar a fome no mundo deve ser feito com enfoque nos direitos e a partir da garantia do direito à alimentação como um direito humano básico.

O conceito de soberania alimentar foi introduzido pelo Movimento Internacional "Via Campesina" e levado a debate público por ocasião da Cimeira Mundial da

Alimentação (FAO-1996). Implicar em andamento processos radicais de Reforma Agrária Integral, adaptados às condições de cada região e país, que permitam aos camponeses (homens e mulheres) o acesso equitativo aos recursos produtivos, terra, água, floresta, assim como os meios de produção, financiamento, e fortalecimento das suas capacidades de gestão e interlocução.

A soberania alimentar implica uma agricultura de camponeses, indígenas, mulheres, comunidades piscatórias, vinculadas ao território e seus recursos. Centrada no ser humano como prioridade, orientada para responder às necessidades locais. Assegurar preços justos, bem remunerados para todos os produtores agropecuários. A Soberania Alimentar não nega o comércio internacional, mas reivindica a formulação das políticas e práticas comerciais que melhor sirvam os direitos da população e uma produção agroalimentar nutritiva, sã e ecologicamente sustentável.

Medidas a favor da soberania alimentar

... Começar por mim mesmo

É preciso caminhar para padrões de consumo universalizáveis. Nenhum hábito de consumo pode considerar-se aceitável se é impossível de universalizar-se. Por exemplo, as dietas altamente carnívoras que predominam nos países do Norte não são moralmente aceitáveis, nem generalizáveis para o conjunto da humanidade.

Evitar as grandes cadeias de comida rápida, implicadas na produção intensiva de gado em regiões de países pobres, em substituição das culturas tradicionais. Preferir um produto num frasco grande em vez de frascos pequenos, escolhendo se possível vidro (reutilizável). Compra de produtos de agricultura biológica. Preferir alimentos da época em vez de congelados. Consumir nas pequenas mercearias.

Avançar na cultura do "quintal na mesa". Ou seja, promover a cultura dos circuitos curtos de produção e comercialização. Há que pressionar nos diferentes centros de poder: autarquias, regiões, ministérios, para que tomem consciência de que um produto que acaba de percorrer milhares de quilómetros tem necessariamente que ser mais caro do que aquele que se produz e transforma localmente. E além disso, tem um custo enorme de recursos energéticos (petróleo, gás, componentes químicos).

Mudanças no nosso dia a dia que consistem fundamentalmente em apreciar a qualidade de vida (viver em situações de valor inerente), mais do que ficar prisioneiro de um nível de vida cada vez mais alto. Como escreveu Bertrand Russel interrogando-se sobre a felicidade, "somos criaturas da terra, a nossa vida é parte da vida da terra". Cuidemo-la!!! (...)

Cáritas 2007

Pela dignidade, igual oportunidade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - nº 353

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.